

# Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 7 de Junho de 1986 \* Ano XLIII — N.º 1102 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Barredo

O arranque da operação e os seus primórdios datam daquele período (1974-75) carregado de contradições, mas propício ao despoletar de energias acumuladas — o que se traduziu numa acção motivadora e eficiente do povo da Ribeira, a fim da renovação da sua zona.

Em Outubro de 1974 é criado o CRUARB e, no janeiro seguinte, empossado o seu primeiro Comissário.

Ao longo de 1975 é grande a actividade legislativa dos Governos para dar cobertura jurídica a operações como a da Ribeira-Barredo. E esta zona é declarada «de utilidade pública» e «degradada», o que permite acelerar a operação no que respeita ao regime de expropriações. Também é deste tempo o parecer conjunto da Câmara e do Comissariado «favorável à autonomização deste, para maior capacidade e rapidez de intervenção e dotação de verbas adequadas». Aliás, o primeiro Comissário, cedo confrontado com «obstáculos burocráticos no andamento do processo», vinha alertar para «o perigo de burocratização da equipa do CRUARB na hipótese da sua integração nos Serviços Camarários».

É neste contexto que irá decorrer a operação de 1975 a 1983, embora o enquadramento jurídico do CRUARB tenha, entretanto, sido alterado. No princípio, pois, o Comissário, directamente responsável perante o Governo, é o encarregado de preparar os estudos indispensáveis à elaboração dos projectos e de coordenar as acções. A Câmara pertence «assegurar ao Comissariado a intervenção fiscalizadora e/ou policial que eventualmente se torne necessária». Ao Fundo de Fomento da Habitação, o financiamento. Aos Serviços de Urbanização e aos Serviços Sociais, os apoios próprios da competência de cada um. Também a população que «há muito habita a zona nas piores condições de alojamento e exploração» e se deseja «não venha a ser dela deslocada por força da valorização da propriedade decorrente da própria operação» — também ela não é dispensada de intervir me-

dante as suas organizações de moradores.

O trabalho começa em 1975 com verba já atribuída para esse ano, cuja maior parte é consumida pelos Serviços Administrativos.

Em 1976, uma vez que a quase totalidade do construído era de propriedade privada e o critério, então preferido, o da sua municipalização sistemática, iniciam-se os processos de expropriação, facilitados pelas declarações já aludidas de «zona degradada» e «de utilidade pública».

A regra era — e continua, ainda — a da «negociação como lema e a expropriação como excepção». Dos 120 processos iniciados até ao fim de 1983, 107 foram concluídos e 13 decorriam com litígio, sete dos quais, porém, se encontravam já com a casa renovada.

Os princípios orientadores da operação são os do Relatório

de 1969. A espécie de trabalho exige uma grande flexibilidade e presença na obra, pois constantemente surgem surpresas que pedem soluções imediatas a arquitectos e engenheiros.

Pensava-se realizar a renovação por quarteirões, mas em breve se concluiu mais económico em custos e em tempo, actuar prédio a prédio sem esperar que todo o quarteirão estivesse expropriado. «Cada casa é um caso» foi o slogan que ditou a palavra de ordem. E houve casos de restauro quase total; outros de total reconstrução; e outros em que a actuação foi, sobretudo, nos interiores, dando-lhes condições capazes para o nosso tempo. E que boas casas!; e que lindas casas onde apetece morar! — aquele Barredo que Pai Américo anteviu e sonhou se tornasse realidade!

O período áureo de actividade, em que se renovaram 78,6% das habitações até agora recuperadas, abrange os anos de 1977 a 1979. De 1975 a 1985 gastaram-se ali 495.197 contos, dos quais 13,2% com expropriações e 74,2% em obras. Os 12,6% sobrantes daquela quantia foram a parte: dos Serviços

Cont. na 4.ª pág.

## AQUI, LISBOA!

«(...) O GAIATO nasceu no púlpito e tem de continuar a vida pregando os interesses superiores do homem.» (Pai Américo)

João Paulo II acaba de dirigir uma mensagem para o «Dia Mundial das Comunicações Sociais» — ocorrido no Domingo da Ascensão — sob o tema: «Formação cristã da opinião pública», que importa assinalar nestas colunas, não fosse O GAIATO, embora na sua humilde dimensão, um órgão de comunicação social.

O Santo Padre inicia a Sua mensagem com uma referência ao texto conciliar sobre os meios de comunicação social (Inter Mirifica) e a outros documentos do Magistério ligados ao assunto, afirmando que é servindo-se deles que «a Igreja

apregoa sobre os terraços» a mensagem de que é depositária, por constituírem «uma versão moderna e eficaz do púlpito», pelos quais consegue falar às multidões. Depois de definir o que é a opinião pública e de falar da importância da sua formação baseada numa moral sã, o Sumo Pontífice aponta os valores da vida, da família, da paz, da justiça e da solidariedade entre os problemas mais importantes a ter em conta para o bem da humanidade do nosso tempo. Dizendo ser «particularmente urgente a formação de uma sã opinião pública no campo moral e religioso», o Pastor Universal fala, finalmente, da responsabilidade moral dos agentes de comunicação, que devem agir conformes com a verdade e com o bem e que «trabalhar pela formação de uma opinião pública conforme com a verdade é trabalhar pelo crescimento da liberdade».

É O GAIATO um «púlpito» ao serviço dos «interesses superiores do homem» — para o qual se deve «escrever como quem reza», no dizer de Pai Américo. Com 60.000 exemplares quinzenais, na sua tiragem actual, outra coisa não pretende do que ajudar os homens nos caminhos da verdade e do bem. Por isso, ao passar o XX Dia Mundial das Comunicações Sociais, diz presente e reitera o propósito firme de continuar na linha do seu Fundador. Que Deus nos ilumine e ajude.

● Para recebermos qualquer subsídio ou até valores de trabalhos efectuados nas oficinas temos de comprovar que nada devemos à Segurança Social. Estranhámos que os grupos desportivos, em grande parte, não paguem as contribuições a que são obrigados, mas possam auferir milhares e milhares de contos de verbas estatais. Há nisto uma discrepância chocante, que atinge as raias da iniquidade e importa assinalar. Na verdade, a hierarquia dos valores é coisa de

## O maior Tesouro

O Fernando, agora «Batata velha» — aquele pequeno aqui falado, da Afurada — veio a correr dar-me um beijo, no fim da Missa de domingo. Às vezes acontece que nem me deixam

chegar ao lugar onde tiro os paramentos!

Um rapaz dos mais velhos ia a passar e viu a cena. «Aqui tem material prò GAIA-TO», diz. Se eles são a razão



A carta, dum jovem, fala dos olhos carregados de ternura dos mais pequeninos — a pedir, ainda, mais carinho.

de ser do nosso trabalho, não podemos deixar de falar deles. Lá fora, também eram assunto que preocupava as pessoas. Mas, doutro modo: como se ver livre deles. Na Casa do Gaiato queremos-os. Procuramos assumir a paternidade tal qual, até ao fim. É uma nova fase da criação. Dolorosa, sim. Mas alegre, na esperança de quem dá à luz uma nova vida. Quem quer experimentar?

Há dias, chegou a carta de uma jovem, de 18 anos, dos lados de Espinho. Apetece-me transcrevê-la! Fala da impressão que levou de uma visita à Casa do Gaiato; dos olhos carregados de ternura dos mais pequeninos a pedir mais carinho, ainda; do vazio da sua vida no meio onde está. E termina com um pedido: «Deixem-me passar uma semana ou duas convosco; quero fazer tudo o que for preciso.» Este tudo é a palavra própria de quem encontrou o maior Tesouro e dá tudo o que tem para o possuir. E que Tesouro! Haverá alguma coisa no mundo de mais valor do que dar a vida toda?! Quem quer experimentar?

Padre Manuel António

Cont. na 2.ª pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Atendemos mais um caso motivado por deserção paterna.

A pobre mãe debulhada perante o quadro negro: quatro filhos para manter; renda de casa, 5.000\$00 mensais; sem crédito no merceiro...

Ela nasceu pobre. O pai é doente crónico há mais de trinta anos — quando os benefícios sociais eram incipientes. Naquelle tempo, porém, ainda conseguiu levantar uma pequena moradia com a ajuda dos nossos Leitores (sabe Deus com que sacrifício!) — para não ser mais das barracas.

No caso vertente, a jovem mãe sofreu dificuldades, já no berço. Cresceu. Entretanto, a vida sorriu um pouco mais. Casou. O homem andou por lá e poderia ter amealhado... Regressa à Pátria. Tenta uma reconversão profissional, mas desajustada do seu nível cultural. A frustração! Até que, um dia, pede-nos a mão por mor doutro emprego, estável. Consegue o posto de trabalho que seria o pão do lar. Vida pobre, mas digna. Agora deserta com a fêria no bolso! «Não sabemos dele...!» — desabafa a mulher, envergonhada, já com cara de subalimentação. «Não sabemos dele...!»

Mais uma família desfeita e quatro crianças semi-abandonadas?!

Num recente estudo, os especialistas fizeram o ponto da situação quanto aos maus tratos infligidos a milhares de crianças portuguesas. Números aterradores!

**PARTILHA** — Cheque do assinante 16696: 500\$00. O dobro da assinante 26152, da Foz do Douro, «para uma necessidade mais urgente da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». São tantas!

Assinante 11354, do Porto, uma «migalha para o saquinho da Conferência». «Manuel de Braga», a habitual oferta — e muito feliz por

ver Leitores motivados para o problema das Viúvas: «Se custa tanto levar a cruz a dois — hoje em dia — para um só é muito mais difícil».

O costume, do Fundão, assinante 11902, «acompanhado dum abraço amigo» — que retribuimos na mesma proporção. Assinante n.º 20 — da primeiríssima hora! — um cheque com a Amizade de sempre «para ajuda da Conferência». Assinante 22150, da Capital, vale de correio com «desejos de saúde, paz e prosperidades». Muito obrigado. Mais um cheque da assinante 32436, de Venda Nova.

«Uma portuense qualquer» marca a presença tradicional: «Mais um mês a chegar ao fim — Abril — e eu a enviar para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, a migalhinha respectiva com muito amor».

Outra oferta para uma Viúva, do assinante 17258, de Baguim (Rio Tinto). «Avó de Sintra», o «prometido» — e muito bem. «Uma Velhota de 74 anos» — assinante 17418 — traz, na mão, algo para aquela menina que estuda no Secundário, achega para o último período do ano. Idem, em vale de correio, de Rio Tinto.

Assinante 5891, do Caramulo, sobras de contas em ordem. E mais 500\$00 da assinante 13109, de Fafe.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

**FUTEBOL** — Defrontámos, em 17 de Maio, uma equipa de veteranos, de Amarante.

Na primeira parte o jogo foi bastante disputado. Ao intervalo estávamos empatados 4-4.

Na segunda parte, mercê da nossa melhor preparação física, dilatámos o resultado para 8-5.

Agradecemos também a esta equipa a oferta de três bolas. Muito obrigado. No dia 18 defrontámos o «Café Água Viva F. C.» e o jogo foi muito disputado. Resultado final: 2-2.

No dia 25 jogámos com o Santana

F. C. O nosso grupo principal incluía seniores, juniores e alguns juvenis.

Foi um jogo em que pressionámos, constantemente, em busca do golo, principalmente no segundo tempo.

O resultado fixou-se em 1-1. Muita sorte para o adversário e infelicidade para nós que, apesar de tanto domínio exercido sobre os visitantes, não conseguimos ganhar a partida.

**VISITAS** — As visitas a nossa Casa têm aumentado, neste mês, devido ao tempo primaveril.

Quase todas as semanas recebemos excursões escolares e as pessoas gostam de falar connosco.

Também nos fins-de-semana o ritmo de visitas é impressionante. A todo o momento, durante a manhã e a tarde, principalmente, chegam centenas de pessoas.

Venham! Nós somos a «Porta Aberta».

Ludgero Paulo

## Miranda do Corvo

**CONVÍVIO** — Com a chegada do tempo primaveril, o sol e as flores

transformam-se em lindos cenários que embelezam toda a nossa Casa, rodeada de jardins e árvores de fruto, proporcionando-nos a passar bons momentos de alegria e convívio com todos os que resolvem tirar um dia livre para o virem passar com os nossos rapazes, para melhor observarem os nossos métodos de vida, conhecerem a Casa do Gaiato e partilharem connosco um pouco das suas alegrias e, até, esquecer tristezas.

Foi precisamente o que se passou num destes domingos: Um grupo de jovens, do Luso, veio até nós, trazendo consigo uma bola de futebol e o respectivo equipamento para nos defrontarem num desafio, já previsto, que ganharam com uma certa naturalidade, embora por uma margem mínima, e em que o nosso conjunto, além de muita garra, não pôde competir de igual com a turma adversária, possuidora de uma boa organização e sentido de jogo.

No desafio reinou a boa disposição, embora o «Chola» quisesse fazer tudo ao mesmo tempo, pois o seu lugar neste momento era no México com os «Infantes»...

Os nossos Amigos almoçaram no refeitório, e, depois, tomaram uma bica no bar. Na parte da tarde,

os mais pequenitos entraram em contacto com outros da sua idade. Vieram da zona de Coimbra, e alguns deles filhos de antigos gaiatos.

Era uma caravana numerosa e nada ficou a dever à anterior. Realizaram, também, um jogo de futebol e passaram o resto do dia confraternizando connosco.

Foi realmente bom este dia, que começou com a celebração da Eucaristia, em que a Palavra do Senhor nos convidava a reflectir sobre a vinda do Espírito Santo, chama que transmitiu coragem e vontade aos Apóstolos e o Senhor fez descer sobre eles — e continua a transmitir a todos nós.

É esta a chama da nossa vida e o centro de todas as nossas actividades.

Em nossa Casa tudo tem a sua razão de ser. Pai Américo deixou escrito: «Aqui não há método, é tudo de cor». Naturalmente, pois sabemos em Quem confiar, n'aquele que nunca nos deixa sós e está sempre pronto a ajudar-nos a levantar, dando-nos a conhecer um caminho diferente, onde não existe discriminação de raças ou ódio — e que nos conduz à Felicidade.

João Paulo

## Novos Assinantes de «O GAIATO»

O espaço d'O GAIATO não tem permitido uma nota — mesmo «telegráfica» — sobre o movimento de novos Assinantes. É pena! Tem sido uma multidão de novos Leitores!

Na região norte, quando podem e à laia dos primeiros apóstolos, os Padres da Rua semeiam nas comunidades paroquiais: em celebrações eucarísticas, a reflexão da Boa Nova culmina com o anúncio d'O GAIATO — da Obra da Rua. Semente que germina com resultados surpreendentes: Em terras de Gaia, S. João da Madeira e Oliveira de Azeméis, o Padre Carlos e seus acólitos recolheram cerca de 1.000 novos Assinantes; e mais perto da Casa do Gaiato de Paço de Sousa — que nem todos os vizinhos conheciam (ou conhecem) o verdadeiro sentido da Obra da Rua! — o Padre Telmo e seus ajudantes trouxeram mais de 500 novos Assinantes: de Abragão, Oldões, Galegos, Valpedre, etc. Aliás, ele não deixa de acentuar a receptividade dos cristãos, como se ouvissem, agora, falar da Obra da Rua — d'O GAIATO — pela primeira vez.

Para além desta multidão que reflectiu e mancou, livremente, o seu compromisso aos pés do Altar — vamos ao encontro doutra, que não é menor, de vários pontos do País e do estrangeiro. Daria muito que contar! Apenas citamos alguns estratos dos pendões desfraldados ao longo da caminhada, quais pedaços d'alma que precisamos de revelar, já

que a luz não pode ficar debaixo do alqueire.

Assinante 2644, de Afonsoeiro:

«Gosto muito de ler O GAIATO. É precisamente quando leio o «Famoso» que deixo de ser egoísta, deixo de pensar em mim para pensar nos Outros — que necessitam de ajuda. Mas custa engolir a pura e crua realidade: o que eu possa repartir não dá para matar a fome ao mundo! Contudo, todos os dias rezo para que um dia as pessoas possam dizer: — Não, não tenho fome!

Agora, vou indicar os nomes e moradas de pessoas que querem ser Assinantes d'O GAIATO...»

Assinante 31688, de Setúbal: «Na minha ambulante vida de professora vou tentando arranjar sempre pessoas que me pareçam capazes de ser Assinantes d'O GAIATO. Assinantes para lerem, não para enviarem uma importância como quem dá uma esmola! Vocês não merecem escudos de compaixão; sim, o nosso respeito e ajuda — pelos vossos trabalhos — e de acordo com as nossas possibilidades.»

Assinante 30996, de Santa Eugénia (Alijó):

«Ando, há muito tempo, para escrever...! Tenho saudades de ler O GAIATO; pois, além de ser uma leitura saudável e que satisfaz interiormente, lembra-me os tempos que o lia em Angola.

Quero assiná-lo agora; e, aqui, na aldeia onde vivo, ando

a tentar arranjar mais alguns Leitores...»

Assinante 21231, de Santarém:

«A chegada d'O GAIATO é sempre motivo de alegria, mas também uma aguilhada na minha consciência...»

Ele traz-me o Evangelho, não isento de mil sacrifícios. Ante a Miséria ergue-se a Beleza e o Amor!

Aqui vão os nomes de mais algumas novas Assinantes...»

Ficam para trás cartas riquíssimas! Muitas debruçadas sobre o interesse das Famílias pelo O GAIATO: Pais e filhos, tios e sobrinhos, padrinhos e afilhados, avós e netos.

Não podemos deixar de sublinhar, no entanto, a recepção de cinquenta novos Leitores de Castro Daire (Baltar de Cima, Custilhão, Mosteiro, Vila Pouca e Farejinhãs).

Agora, sim, aí temos Portugal de lés-a-lés e alguns portugueses em diáspora por todo o Mundo: Aveiro, Coimbra, Figueira da Foz, Leiria, Sendim, Vila Franca de Xira, Castanheira, Azambuja, Forjães (Espesinde), Linda-a-Velha, Paredes de Coura, Fridão (Amarante), S. João da Madeira, Alhandra, Brejos do Assa, Vitorino das Donas, Faro, Lagos, Águas Santas (Maia), Penafiel, Santarém, Torres Vedras, Longra (Felgueiras), Loures, Torres Novas, Carnaxide, Póvoa de

## AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

somenos importância nos tempos em que vivemos.

Por outro lado, chegam nos postais-avisos para o pagamento dos impostos de incêndios e de esgotos por que é colectado o nosso Lar, em Lisboa. Vamos pagar, pois não queremos problemas e gostamos de cumprir as leis. Porém, por imperativo de consciência, não podemos deixar de lamentar que tal suceda e, destas colunas, chamar à atenção de quem de direito para aquilo que é um contra-senso: vamos buscar, tanto quanto possível, às ruas da Capital, «farrapos humanos» para os transformar em homens

de bem e, como «ajuda», somos colectados como qualquer simples cidadão ou qualquer empresa comercial ou industrial. Com franqueza, não percebemos os critérios humanos.

● **FESTAS** — A nossa Festa, em Odiveelas, é amanhã, dia 8 de Junho, pelas 15,30 h, no salão do Instituto de Odiveelas, gentilmente cedido pela senhora Directora. Os bilhetes que restam estão à venda na Paróquia de Odiveelas.

Padre Luiz



# TRIBUNA DE COIMBRA

● É uma hora sempre maravilhosa, esta que nos faz reviver a presença de tantos Amigos! Dar estas contas é um hino de louvor a Deus pela boa semente lançada nos corações. Corações que se abrem ao sol da Graça do Senhor. A Ele toda a honra e toda a glória. A nós, a alegria da partilha fraterna.

A lista, de hoje, que vem desde os primeiros dias deste ano, começa por velho Amigo, de Coimbra, agora em Lisboa, a quem Deus deu o dom de muitos filhos e um desejo profundo de ajudar sempre os mais pobres. Veio, a seguir, uma Amiga. Depois veio outra, da Lousã. Veio um vizinho, que agora vive em Lisboa, com cinquenta; mais o casal de Pereira do Campo e o casal de Meãs do Campo; o amigo Manuel, de Lisboa, é certinho; mil, quinze mil; mil, mais mil, mais mil e a carrinha muitas vezes carregada na mirinha aldeia.

Santo Adrião, Santo António dos Cavaleiros, Porto de Mós, Almada, Pensêlo (Guimarães), Vila Nova de Gaia, Eixo (Aveiro), Amoreira da Gândara, S. João da Talha, Vendas Novas, Belas (Sintra), Mafamude, Vila Nova de Foz Côa, Paúl, Águeda, Castelo de Paiva, Sertã, A-dos-Cães (Loures), Póvoa de Santa Iria, Sacavém, Odivelas, Souto de Cima, Santo Tirso, Fânzeres (Gondomar), Senhora da Hora, Malveira, Vila Real, Irivo (Penafiel), Horta (Açores), Margaride (Felgueiras), Covilhã, Gavião, Setúbal, Espinho, Carvalhos (V. N. Gaia), Luzim (Penafiel), Carviçais (Moncorvo), Oeiras, Viseu, Vilar do Paraíso, Rio Maior, Cortes (Leiria), Burgães (Santo Tirso), Fiães (Lourosa), Cacém, Baixa da Banheira, Buralca, Damaia, S. Paio de Oleiros, Cabeceiras de Basto, Friellas, Valle de Figueira, Carvalhal (Santa Maria da Feira), Ovar, Alpedrinha, Estoril, Nelas, Queluz, Camarate, Senhora Aparecida (Lousada), Sarzedas, Tortosendo, Cepelos (Amarante), Vilar d'Este, S. Mamede de Infesta, S. João do Estoril, Portalegre, Fundão, Pedreanes (Marinha Grande), Condeixa, Cernache (Coimbra), Santa Maria de Alferrarede, Mosteiró (Vila do Conde), Termas de S. Vicenté, Guarda, Fajões (S. João da Madeira), Cascais, Parede, Amadora, Madalena (Valadares), Avintes (V. N. de Gaia), Valbom (Gondomar), Castro Daire, Sesimbra, S. Pedro do Estoril, Lages (Penalva do Castelo), Escalos do Meio, Baixa da Banheira, Nevogilde, (Lousada), Gafanha da Nazaré, Fanhões; e mais: Bienekstrabe (Alemanha Federal), Paris (França), Maputo (Moçambique), Luanda (Angola) e Naugatuck (Estados Unidos da América).

E, também, um mundo destes, do Porto e de Lisboa!

Júlio Mendes

Casal e filha, de Avelar; doze que Amigo veio trazer; cinco, a vendedor, em Leiria; Amigo, da Damaia; casal de professores; Amiga, do Fundão; cinco de «Menino Jesus», das Casas Novas; Amigas e Amigos, de Condeixa; seis de Amigo, de Oeiras; vale, de Tomar; vale, de Regueira de Pontes; Amiga, de Oeiras; vale, da Ladeira de Santa Justa; Amigos, de Castelo Branco; Médico, de Marinha das Ondas; Amigo, de Cucujães; 7.300\$ de português, na Suíça, entregues pelo nosso Bispo; um bilhete de cinema, dum jovem.

Dois namorados que continuam à espera de casa e se vão aperfeiçoando em renúncias de gastos supérfluos, discretos e felizes. Senhora, da Covilhã, ofereceu o produto da venda dum seu livro. Senhora, de Coimbra, ofereceu a venda duma colcha que fez. Cheque, de Lagos. Amiga, de Bruscos; 13.º mês, de Anadia; emigrante anónimo; Mãe, filha e genro — os três quiseram oferecer; carta, de vizinha; quinze, em sufrágio; casal, de Casal de Ermio; cinquenta, a pedir a saúde da esposa; cinco, da mão de sacerdote; cinquenta, de outro; casal, do Espírito Santo; Amiga velhinha, de Elvas, que Deus já veio buscar; vinte, de senhora, de Serpins; grupo de jovens, de Ceira; grupo visitante, de Águeda; ofertas pelos vendedores de O GAIATO: em Coimbra, Leiria, Tomar, Castelo Branco, Fundão, Covilhã e mais terras.

Amiga, de Soure; Professora vizinha; vários Amigos, de Cantanhede; Amiga, de Santarém; Amigos, de Arganil; as senhoras «Costureiras», de Miranda do Corvo; Senhora, de S. Jorge; trinta, de Vila Real; muitos Amigos, da Covilhã e de Castelo Branco; a presença de grupo paroquial de Chão de Couce; o dia anual da Fraternidade de S. Francisco, de Tomar, com o carinho e 48.360\$.

É sempre uma presença maravilhosa! Amigas, de Leiria, de Lar de Idosos; a Amiguinha, da Pereira; o Amigo, de Creado; cem dólares; as Irmãs, de Trancoso, com mais mimos; cem, da Lousã; cem, de Lisboa; cem, de Coimbra.

Na Sé Nova, irmã de dois sacerdotes; a Guida; Rapazes nossos que querem ajudar; as amêndoas da Auto-Industrial; Amiga, de Barcelos; Amigo, de Alcains; Amigos, da Figueira da Foz; o casal, de Cebolais de Cima; Amigos, de Pombal; a visitante, de Bonsucesso (Aveiro); uma carta do Porto; a velha Amiga, de Vilar Formoso; casal, de Marinha Grande; Amiga, de Vale de Avim; ofertas, por sacerdote, de Unhais da Serra; oferta do Movimento Católico Estudantil, da Mealhada; um miminho de Neta, em Viana do Castelo; mãos estendidas na Sertã.

O Grupo de Catequistas do Arciprestado da Mealhada veio fazer um dia de aperfeiçoamento e deixou muitas saudades e 84.744\$50. Amigo Engenheiro, da Parede; Amiga, de Medelim; Amiga, da Amadora; Amiga, de Queluz; Amiga, de Cascais; cheque da Associação Portuguesa de Gronau; peregrinos de Fátima; muitos envelopes e embrulhos na Casa do Castelo; o correio trouxe muitos cheques e vales e cartas de Coimbra; o nosso Lar recebeu muitas visitas.

Felizes todos os que se amam!

◆ Foram muito delicadas e amorosas as duas meninas que, em nome do grupo dos meninos que vão fazer a sua Profissão de Fé, entregaram nas minhas mãos — numa saca de pano e num mealheiro de papelão — «o fruto dos nossos sacrifícios na Quaresma que viemos oferecer para estes meninos nossos irmãos».

Alguns pais e catequistas acompanharam este acto solene. O fruto de muitas renúncias.

Elas contaram algumas. Felizes pela partilha. Partilha de pão e de amor. Esta comunhão connosco fez parte do programa de preparação para o dia de Compromisso com Jesus Cristo: Profissão de Fé.

Conhecê-lo presente nos mais pequeninos. O Zé, o Marco, o Sérgio e o Carlinhos andaram de colo em colo. Felizes e cheinhos que eles andavam! E nós todos ficámos doces com a merenda que nos trouxeram e partilharam. Gostamos todos, tanto, de coisas boas! Sentimo-nos tão felizes com os gestos-ofertas das crianças! Que contente também terá ficado o nosso Bom Deus!

◆ O Valdemar, que é chefe dos pequenos, apareceu hoje, à hora do almoço, muito zangado. Trazia o «Rua Direita» pela mão. O «Rua Direita» tinha ido a um ninho e torcido o pescoço aos passarinhos. O Valdemar, na sala, antes de se sentarem à mesa, fez tribunal e castigou o «Rua Direita» e disse palavras de amor à vida dos passarinhos e palavras agressivas a quem lhes faz mal.

Cont. na 4.ª pág.

## Associações dos Antigos Gaiatos

### NORTE

#### CONVÍVIO

Por decisão da Assembleia Geral de 19/4/86 ficou assente que, este ano, teremos o nosso Convívio em Paço de Sousa, no dia 20 de Julho do ano em curso, ficando a cargo da Direcção a elaboração do respectivo programa — esperamos seja do teu agrado — que é o seguinte: 8,20 h — Partida de comboio da estação de S. Bento (para os que não utilizam transporte próprio); 10 h — Jogo de futebol; 11,45 h — Colocação de um ramo de flores no túmulo de Pai Américo; 12 h — Celebração Eucarística; 13 h — Almoço-convívio com a Comunidade de Paço de Sousa (traz um bolo para a sobremesa); 16 h — Reunião no Salão de Festas.

Comparece. Participa. Faz da nossa Associação um elo de ligação entre a numerosa Família dos Antigos Gaiatos. Contamos contigo!

Carlos Gonçalves

### CENTRO

Chegou o mês de Junho — tempo de Encontro. O dia 15 foi escolhido para a realização do 2.º Encontro Anual na nossa «velha» Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Há muitos companheiros que ainda não deram sinal! Tu, que já viveste o 1.º Encontro, espalha a notícia. Não esqueças que a tua presença, para além de desejável, é necessária. Traz



## DOUTRINA

Nos arraiais do bem-fazer duvidar é ser vencido

● Desde os primeiros domingos do mês de Abril que temos subido aos púlpitos de Coimbra a pedir, de braços abertos, para as Colónias de Férias; e com tanto mendigar ainda não chegou a cinco contos, nem chega, que o ciclo dos peditórios termine no templo da Rainha Santa.

● Os vinte que lhe faltam, estão todos em lindas notas de cem no mais subido da montanha, suspensos nas penedias, a desafiar alpinistas; mas tudo se há-de vencer, que a isso nos impele o amor dos pequeninos, tantas vezes chamados e abraçados pelo Filho do Homem para serem no mundo os Seus maiores amigos.

● Mesmo sem saíres à rua nem saberes quem eles são, tu podes, com a tua oferta, contribuir eficazmente para aumentar o número e espalhar entre eles aquela alegria descuidada e comunicativa que os não deixa dormir. Podes, mesmo da tua cama, se és doente profissional, defender muitas crianças da pasmeira das ruas, do palavrão da taberna, do contágio de vícios, do pecado; e assim chamas e abraças pequeninos à maneira de Jesus!

● Dás, também, tréguas a mães aflitas que dormem agora regaladas na certeza de que seus filhos têm mesa posta, cama limpa e boa companhia. E lanças, finalmente, a mocidade das Colónias de Férias nos braços do verbo Ir; a curiosidade para uns, certeza para outros e alegria para todos.

*P. Américo*

(Do livro *Pão dos Pobres*, 1.º vol.)

os teus e traz um amigo, também.

Aos amigos, uma palavra apenas: Estão, de antemão, convidados. É que, como sabeis, o espírito d'A Porta Aberta, de Pai Américo, continua presente em nós.

A partir das 9,30 h far-se-á a concentração. O restante programa será enviado directamente a cada um.

Não esqueças: No dia 15 de Junho queremos-te aqui.

Chiquito-Zé

### Retalhos de vida

## NELITO



O meu nome: Manuel Sá Ferreira de Sousa. O meu apelido: «Nelito».

Nasci a 17 de Julho de 1974, na Guiné-Bissau.

Quando tinha um ano, vim para Barcelos, Portugal, porque lá havia muita guerra. Depois, para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, com mais dois irmãos, porque os meus pais não tinham condições de vida.

Estou aqui muito bem. Não me falta nada, graças a Deus.

Frequento a quarta-classe do Ensino Primário.

Quando for grande gostaria de ser tipógrafo.

Muitos abraços para todos os Leitores d'O GAIATO.

Manuel Sá Ferreira de Sousa

# O livro CANTINHO DOS RAPAZES e a receptividade dos Leitores

Como expressar a movimentação gerada pelo CANTINHO DOS RAPAZES, de Pai Américo, da expedição à formidável receptividade dos Leitores e Assimilantes da nossa Editorial?!

Ainda a obra não estava expedida, já os pedidos **choviam** de todo o lado — das Famílias à Universidade!

Que dizer, pois, da Viúva de um dos primeiros e maiores amigos de Pai Américo, da Obra da Rua, na cidade do Porto?!

— (...) Sou M. A. C. Preciso do CANTINHO DOS RAPAZES para um menino que faz, agora, a Profissão de Fé.

Catecismo da perseverança! Sem desprimor para ninguém, foi na volta do correio com um abraço de todos nós.

O telefone toca mais vezes pelo CANTINHO DOS RAPAZES!

— É da Obra do Padre Américo?

— Aqui, fala da Universidade... Preciso que me en-

## Barredo

Cont. da 1.ª pág.

Administrativos (6,3%), dos Estudos e Projectos (4,5%) e de Despesas Gerais (1,8%). Julgo que um bom resultado.

Em renovação produzida, esta quantia cifra-se no total de 205 obras concluídas: 4 arranjos exteriores; 10 equipamentos colectivos; 45 espaços para comércio; e 146 habitações. Estas representam, pois, 71,2% do total renovado.

Note-se que enquanto estes trabalhos decorriam, os Serviços Municipais actualizaram (e instalaram aonde jamais chegara) a rede de água, luz e saneamento.

Chegados a este ponto, é natural a pergunta: — Como estamos, então, relativamente à totalidade do Projecto de Renovação para a zona ribeirinha?

Deixando de parte as áreas para comércio e equipamentos colectivos, dado que são 350 as habitações no Barredo e Fonte Taurina, as 146 recuperadas representam 41,7% do total a recuperar. Mas sendo que a maior parte destas se situam nos Muros do Barredo e dos Bacalhoeiros, a porção mais conservada do conjunto, penso que, em termos de gravidade do problema que ali era dez anos atrás, mais de metade do caminho está andado.

Porque não há-de esta conclusão ser um estímulo a prosseguir a caminhada? Porque 184 realizações de 1977 a 1980 e só mais 21 até agora? Porque este esmorecer?!

Padre Carlos

viem o último livro do Padre Américo.

Em curtos segundos de diálogo revivemos, interiormente, um mundo de episódios — que nem todos Pai Américo deixou escritos — a propósito d'O GALATO, dos livros publicados, e circunscritos à receptividade dos Leitores:

— O GALATO está na quarta-classe. Entretanto, vai pro Liceu... O que será quando entrar na Universidade?!

Poderíamos ficar aqui, não fosse o grosso da procissão que chega, diariamente, engalanada de comentários e gritos d'alma, dos quais procuraremos citar mais alguns estratos em próximas edições.

«É sempre com encanto que leio as obras do Padre Américo. Sou professora, admiro muito os seus métodos pedagógicos, e, portanto, os que dele derivam.»

Uma revoluçãozinha nas fontes do saber! Af se preparam os homens d'amanhã.

De Coimbra — Universidade que serviu de tarimba a Pai Américo — o testemunho dum Avô:

«Acabo de receber o CANTINHO DOS RAPAZES. Um encanto de apresentação!

A palavra no nosso Padre Américo — que tão bem conheci! — essa fica para ser saboreada em lentos haustos de alma. A palavra dos santos é a tradução do Verbo de Deus.

E espero que, depois, o CANTINHO DOS RAPAZES vá para as mãos dos meus queridos netos...»

Agora, seria oportuno falar da nossa gente: do «Somnemberg» ao «Conchinha», do «Campanera» ao Manuel — chefe da banda. Espinhos e rosas, que «mão há rosas sem espinhos!» Eles não têm mãos a medir! Cresce o movimento e permanecem só três adultos

## TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 3.ª pág.

Depois do almoço, logo à saída da sala, o «Russito» pega no «Rua Direita» por uma orelha e leva-o a ver a sua maldade. O «Russito» é todo dos pássaros. Fazia ameaças de morte ao «Rua Direita».

Não sei como tudo acabou, mas fiquei a olhar estes três: Um, nascido em S. Paulo (Brasil), veio para nós; outros irmãos foram para outros lugares; a mãe emigrou para ganhar a vida; e o pai vive noutra lado.

Outro, o mais novo dos três irmãos que recebemos, veio por a mãe estar a cumprir pena na prisão.

O «Rua Direita» veio da rua

operacionais: dois em full-time, outro em part-time. Numa qualquer empresa teríamos aumento de produtividade com sacrifício dos mais responsáveis.

■ POSTAL RSF (RESPOSTA SEM FRANQUIA)

Ainda no que toca aos nossos mais nossos, falemos dos postais RSF (resposta sem franquia), intercalados na última edição d'O GALATO, com um abraço de paz, pelas mãos zitas dos mais pequeninos: «Nabo», «Pica», «Albufeira», etc. Chegam postais, em catadupa, de todos os pontos do País! Mas nem todos facilmente decifráveis. Por isso, pedimos aos utentes para escreverem os nomes e endereços bem legíveis, de preferência com letras

malúsculas, assinalando os livros pretendidos nas respectivas quadrículas — e, depois, coloquem o postalzinho no marco do correio.

■ DUAS REEDIÇÕES

Esclarecemos, por fim, que temos, ao dispor, a 3.ª edição do 1.º volume ISTO É A CASA DO GALATO e a 5.ª edição do 1.º volume PÃO DOS POBRES — de Pai Américo. Referenciados, aliás, no postal RSF.

Como foram muitos os Amigos que, nos últimos anos, requisitaram essas obras (esgotadas), agora têm possibilidade de completar as respectivas colecções. Passem palavra e os livros seguirão na volta do correio.

Júlio Mendes

◆ Os da escola vieram dizer que o Zé Miguel partiu frascos que estavam no átrio das casas de banho e quando o foram chamar estava de joelhos a rezar junto dos frascos partidos.

Risadas de todos pela atitude do Zé Miguel. Aparentemente humilde e delicado, o Zé Miguel gosta pouco de obrigações e gosta muito de coisas boas. É filho-vítima de separação e de abandono. Também ele e os irmãos são órfãos de pais vivos. O álcool e a prostituição são esconderijos de inconscientes.

Que pela vida fora, e diante das dificuldades, ele saiba ajoelhar e rezar com personalidade. Os joelhos são alavanca e confiança para o cristão, mas não devem ser moeda-troca para os medfocres.

Padre Horácio

slogans, mas do amor no coração do homem; e traduz-se em gestos de justiça, de perdão e de ternura pelos Outros.

● Alimentemos, recordando, o sentimento fraterno na vivência quotidiana dos primeiros cristãos. Tendo, bem viva, a consciência da sua filiação divina e bem certa a Esperança na Vida eterna — sentiam-se irmãos e solidários no mesmo barco, a caminho da Pátria. Ao contrário, nós, fora da linha de Eternidade, teimamos construí-la neste pobre mundo.

Não somos mais peregrinos na mesma embarcação, nem irmãos. Perdemos o sentido de Deus.

Os laços políticos e económicos fizeram de nós coisas

em grupos — e só a caminho do pão.

«Vem, Senhor, vem!»; sabemos que o Teu espírito permanece entre nós. Mas é grande a nossa culpa por termos perdido o «sab»... Sem ele a fraternidade estragou-se.

Como cristãos somos responsáveis pelos Outros.

É urgente caminhar e indicar aos irmãos o verdadeiro caminho da Esperança.

E este é, e só, o homem sobrenatural.

Vede como tão bem o afirma Pai Américo!

«O valor que está em causa é o homem. Não digo o homem algarismo. Não digo o homem número. Digo o homem sobrenatural! O homem riqueza divina desprezada até aos dias de hoje.»

Padre Telmo

## NOTAS DA QUINZENA

● Mais grave e pernicioso que a falta de pão é a falta de solidariedade entre nós. Cada um, nesta nossa civilização, vive cada vez mais para si próprio e isolado dos outros. Conchas! Já se não pede um pão emprestado ao vizinho (como era costume nas nossas aldeias) e os que precisam vão perdendo o hábito de nos bater à porta. Convidamos o amigo e pomos o requinte, mas fechamos o lugar ao estrangeiro, ao pobre e à viúva.

«Chega p'ra lá», dizia o nosso gaiato «Primo Velho», em África, sempre que chegava mais um na hora da refeição. Os que estavam sabiam que a mesma comida tinha que chegar para mais um, dois ou três. Partilha responsável!

De repente, esta sociedade de consumo, nos armou para defendermos o próprio bocado. Assim, vamos perdendo o dom

maravilhoso da fraternidade que nos levava e abria aos irmãos as portas do coração. Que pena!

Há excepções, claro: Comunidades que tratam dos seus Pobres! Famílias que partilham os bens! Na nossa Obra somos testemunhas destas realidades.

● A pobreza no mundo, os Pobres e o desemprego são, hoje, temas favoritos da Comunicação Social. Fala-se. Muitas vezes, porém, os colóquios começam ou acabam com bailes ou ceias de gala. Triste! Ainda, há dias, quiseram oferecer «aos meninos» o «fruto» dum noite de festança. O superior daquela nossa Casa recusou — e muito bem.

Igualmente nos causa pena que, em certos casos, esses colóquios e tiradas jornalísticas sejam meros aproveitamentos políticos.

A fraternidade não nasce de



Director: Padre Telmo  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administr.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Maio: 60.537 exemplares.